

Governo pressiona para ficar 5 anos

SILVIA CAETANO

A deputada Rita Camata (PMDB-ES) está sendo pressionada por todos os meios a votar a favor de um mandato de cinco anos para o presidente Sarney, inclusive em casa, onde seu marido e companheiro de partido, senador Gérson Camata, tenta convencê-la a acatar a orientação do Palácio do Planalto. Mas ela parece firme em sua disposição de apoiar os quatro anos, segundo confidenciou, ontem, ao deputado José Costa (PMDB-AL).

Gérson Camata não se dá por vencido e promete pressioná-la até a última hora. "Se ela tiver juízo vai votar a favor dos cinco anos. Elei-

ções este ano são impossíveis e até as municipais estão ameaçadas. Não se vêem mais, por exemplo, candidatos à Presidência da República", observa o senador empenhado em cooptar o voto da mulher. O que não será fácil, a julgar por vários precedentes.

Esse é um entre os muitos casos de parlamentares que vêm recebendo pressões e sendo tentados com a oferta de favores e outras benesses do Palácio do Planalto. O deputado Fernando Bezerra Coelho, do PMDB de Pernambuco e um dos relatores da reforma tributária na fase inicial da Constituinte, que contrariou o governo federal, ganhou uma rádio FM em Petrolina e

já se mostra rebelde. Vai votar pelos cinco anos. Ele pode alegar ter votado assim com relação ao futuro presidente, mas a verdade é que naquela ocasião acatou orientação do governador Miguel Arraes, que pretendia guardar sua artilharia para mais tarde, a qual pelo visto não vai ser mais utilizada contra o presidente Sarney.

Um parlamentar do PDT do Rio garante que o deputado Aroldo de Oliveira (PFL-RJ) recebeu uma rádio FM no Estado, concessão também atribuída ao deputado Fausto Rocha, do PFL paulista. A lista é longa, quase toda levantada pelo deputado Maurício Fruet, do PMDB do Paraná, que por meses se

dedicou a apurar nas Juntas Comerciais os nomes dos proprietários ou dos seus "protetores". Mas nem sempre é possível descobrir a verdadeira identidade do dono.

Além das concessões de emissoras de rádio e de televisão, o Palácio do Planalto distribuiu importantes cargos na administração pública e valiosos recursos, o que também não é fácil provar, a despeito de alguns indicadores, como a destinação das verbas a municípios onde são votados os favorecidos com sua distribuição.

O deputado Arnaldo Pietro, do PFL gaúcho, ficou tão agradecido com a indicação do seu protegido, Antônio Carlos Pereira dos Santos, para a presidência do Complexo Petroquímico do Sul, que além de votar pelos cinco anos vai dar parecer favorável ao decreto que congelou a URP, que será votado hoje pelo Congresso.

Menor não é o contentamento do ex-quatroanista Leur Lomanto, deputado pefelista baiano, que colocou seu irmão, Antônio Lomanto, na presidência da Carafba Metais. Também na Carafba até o antigo deputado malufista Jonival Lucas, contra quem pesam várias denúncias de irregularidades administrativas quando presidiu o Consórcio Rodoviário na Bahia, conseguiu empregar Iban Guanais, que virou diretor-financeiro da empresa.

O deputado Iberê Ferreira, do PFL do Rio Grande do Norte, é outro que foi cooptado pelo governo e, segundo consta, também recebeu uma rádio FM no seu Estado. Ontem, ele admitiu perante o deputado José Costa ter sido "constrangido" a mudar de voto. Nas entrelinhas, o deputado Walmir Campelo, do PFL do Distrito Federal, também deu a entender que votará contra a redução do mandato presidencial. Interpelado por um companheiro de bancada, saiu-se com a seguinte desculpa: "Estou achando que já perdemos. Se fosse pau a pau, eu até iria para a briga. Mas, do jeito que as coisas estão..." Brasília/Agência Estado

Quércia não se considera mais imbatível

ALUÍSIO DE TOLEDO CÉSAR

A saída prevista do PMDB dos três senadores paulistas, do presidente da Assembléia Legislativa e de diversos deputados federais e estaduais, com repercussão direta nas bases peemedebistas, levou o governador Orestes Quércia a rever seu projeto político. Até duas semanas atrás, ele era dado como "imbatível" por seu grupo nas futuras eleições presidenciais, mas, agora, sacudido por escândalos como o Banespa e "raspadinha", parece estar mais preocupado em salvar o seu governo.

Os políticos encontram duas versões para explicar a mudança de comportamento do governador. Pela primeira, ele estaria afirmando que não é mais candidato a presidente da República com o propósito de desviar de sua pessoa o fogo cerrado dos adversários. Assim, continuaria candidato, mas negando a intenção por questão unicamente de estratégia.

A segunda explicação é a de que Orestes Quércia já se convenceu de que as defecções dos peemedebistas considerados bons de voto — Montoro, Covas, Fernando Henrique e outros — eliminaram a certeza de vitória, existente até um mês atrás, nas eleições para a Presidência da República. Nesse quadro, em vez de deitar fora dois anos de mandato, jogando o certo pelo incerto, ele preferiria permanecer no governo, empenhado em demonstrar não ser verdadeira a afirmação de que a sua maior realização é a publicidade que faz de si mesmo.

Os fatos demonstram que ele alterou efetivamente o comportamento, até deslocando de seus postos os controversos presidentes do Banespa, Otávio Ceccato, e da Caixa Econômica, Flávio Chaves. Com isso o governador amplia, ao invés de eliminar, os problemas políticos que vem enfrentando.

Realmente, na medida em que desiste de concorrer à Presidência (se é que a desistência é real), colide frontalmente com o projeto político de seu vice Almino Afonso, que é o peemedebista mais forte dentro do partido, fora o governador. O vice já dava como certo que assumiria o mandato no próximo ano, com a desincompatibilização de Quércia para poder concorrer.

Pois bem, deixando de desincompatibilizar-se, ele colocará Almino Afonso na condição de competidor de Mário Covas ao governo de São Paulo, nas próximas eleições. Enfim, mesmo não tendo a intenção, estará encurtando a carreira política do vice-governador, que sabe não ter condições de derrotar Mário Covas num pleito livre e direto.

Políticos da cúpula peemedebista garantem que Almino Afonso está furioso com Orestes Quércia. Além de ser o mais atingido pela mudança de comportamento do governador, ele vem sendo um crítico algoz da atitude dos quercionistas no governo, segundo dizem as pessoas de seu grupo.

Além desse problema interno, que divide ainda mais o partido, prevê-se que o governador enfrente dificuldades progressivas determinadas pela existência dos escândalos do Banespa e da "raspadinha". De fato, especialmente no caso da "raspadinha", ele transportou o problema do âmbito apenas estadual para o federal.

Na medida em que o ex-presidente da Caixa, Flávio Chaves, estiver colocado na vice-presidência do BNDES, seus críticos passarão a ser os deputados federais e senadores, de tal forma que o problema, que estava restrito ao Estado de São Paulo, alcançará dimensão nacional, correndo ainda mais a imagem já combalida do governador.

Ulysses atribui adiamento a "setores democráticos"

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Mobilizar para votar é a orientação do presidente José Sarney às lideranças do governo na Assembléia Nacional Constituinte, para vencer o que chamam de "obstrução da oposição" e definir ainda nesta semana a duração do mandato do presidente. Sarney disse ontem aos líderes e a sete ministros de Estado, em reunião no Palácio da Alvorada, estar convencido de que o atraso na votação é provocado apenas por "capricho" de parlamentares contrários ao mandato de cinco anos.

Favorável ao mandato de quatro anos para Sarney, o líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, negou estar obstruindo as negociações do capítulo da família para atrasar a votação do mandato. Mesmo o presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, acredita que a questão só vá a plenário na próxima semana, pois reco-

nhece que há dispositivos polêmicos no capítulo em votação, impedindo a fusão de emendas. "A votação depende de decisão de lideranças de elaborar fusões, que facilitam o trabalho", disse o deputado, admitindo, contudo, a existência de "setores democráticos" interessados na votação do mandato só na semana que vem.

Acusado pelo líder do PFL na Constituinte, José Lourenço, de obstruir os trabalhos, o líder peemedebista Mário Covas defende-se com a argumentação usada por Ulysses: há assuntos polêmicos que impedem a votação imediata do capítulo da família. Em sua opinião, esse é o título mais complicado da Constituinte, e sua intenção é fazer acordos para facilitar as votações. "O que não é possível é que agora, porque o presidente José Sarney tem pressa em ver seu mandato votado, nós tenhamos de apressar os acordos. Se os acordos tiverem de ser rápidos, serão; se forem demorados, serão", afirmou Covas.

Os líderes governistas estão ani-

mados e acreditam que se obtenha quórum para a votação do mandato mesmo no sábado ou no domingo. Carlos Sant'Anna (Câmara) e Saldanha Derzi (Senado) se encarregaram de levar a Ulysses Guimarães o pedido de colocar o assunto na pauta de votação nas próximas horas. Já o líder do PTB, deputado Gastone Righi, partidário do mandato de cinco anos para Sarney, não acredita na possibilidade de a questão ser votada nesta semana. "Esse assunto se transformou num suplício. Tudo seria resolvido não fosse a ação deliberada — movida não sei por quem — do senador Mário Covas", afirmou.

A estratégia do Palácio do Planalto é manter na capital o maior número possível de pessoas favoráveis ao mandato de cinco anos — os ministros estão proibidos de sair de Brasília —, principalmente deputados e senadores. O primeiro do presidente Sarney, deputado Albérico Filho, garantiu ontem que os 28 parlamentares ausentes antontem estarão hoje em Brasília.



Política faz de Sarney paciente indisciplinado

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney tem desrespeitado todos os conselhos do coronel-médico Messias Araújo — seu médico particular — e da equipe do Instituto do Coração (Incor), de São Paulo: dedica tempo integral à política, em longas audiências, em reuniões que se prolongam noite adentro. Dá sinal verde para qualquer ministro, parlamentar ou governador que queira tratar com ele de seu assunto predileto, atualmente: a duração do mandato. O dr. Messias o aconselhou exatamente o contrário, desde o dia em que o Inco constatou a predisposição do presidente para o esgotamento físico e mental, a estafa.

Sarney foi um paciente "disciplinado" até o momento em que a Constituinte passou a interferir em seus batimentos cardíacos. Aí se rebelou contra as ordens médicas e não reduziu — ao contrário — o nú-

mero de compromissos de sua agenda. Isso, de dia, porque à noite a agenda presidencial, no jargão da segurança, é "confidencial". Sarney pode receber um empresário ou um político, ir a alguma residência na Península dos Ministros ou a outro lugar no Lago Sul onde se dê uma festa ou um jantar. Para não ser seguido, foi até providenciada uma "comitiva dissimulada", com um carro diferente do que usa de dia (até a cor não é escura) e chapa fria. Só os generais Ivan de Souza Mendes, do Serviço Nacional de Informações, e Bayma Denys, do Gabinete Militar, têm conhecimento do roteiro dele à noite.

Apesar da atividade noturna, Sarney acorda cedo, às 5 horas. Já às 7 recebe convidados para o café da manhã. Não bastasse a agenda repleta durante a semana, o presidente abriu mão de seus descansos de fim de semana. Segundo um assessor, em questão de mandato Sarney é "o eleitor número um".

Brizola desiste de 4 anos e de candidatura

A tendência hoje na Constituinte é pela votação dos cinco anos de mandato para o presidente José Sarney, reconheceu ontem em São Paulo o ex-governador do Rio, Leonel Brizola, que também avisou ter desistido temporariamente de sua candidatura à Presidência e condeceu a insistência do deputado Luis Ignácio Lula da Silva de se apresentar como candidato: "É colocar o carro na frente dos bois", observou. A candidatura do prefeito paulista Jânio Quadros a presidente é "uma piada", ironizou ainda Brizola.

"Cinco anos para quê?", perguntou Brizola na sede paulista da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), durante o seminário "E agora Brasil?", e ele mesmo respondeu: "Para manter um governo inepto". Os constituintes escolherão nos próximos dias, por "maioria pouco expressiva", os cinco anos de mandato para o presidente José Sarney, previu o presidente nacional do PDT. "Essa atitude decepcionará nosso povo. Os constituintes voltarão as costas para o povo brasileiro, num golpe contra seu interesse, seu futuro e seu direito."

O ex-governador considera o quadro político "impregnado de egoísmo". "O País é pobre em matéria de quadros políticos, porque, se quisessem ser sensíveis e cumprir com a procuração que receberam do povo, os constituintes teriam de, no mínimo, fixar o mandato em quatro anos e convocar eleições presidenciais para este ano ainda." Disse não estar se amedrontando frente à realidade: "Há muitas histórias antigas de que os militares não medariam posse, mas tudo são fantasias. No fundo há maldade conhecida das velhas oligarquias, que usam meu nome como pretexto para se manter no governo e não realizar eleições".

Na mesma mesa em que o presidente regional do PDT, deputado Adhemar de Barros Filho, cochilava por alguns minutos, Brizola concluiu afirmando que a nova Constituição não vai alterar na prática o modelo econômico.